

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2017 - ANO XXI - Nº 243

## EDITORIAL

Os escândalos de corrupção praticados por homens públicos no país vêm se tornando conhecidos e envergonham todo cidadão de bem. A maneira de se fazer política tornou-se sinônimo de práticas ilícitas em que conluíus e articulações são a regra do jogo.

A chamada “Lista de Fachin” trouxe à tona o fato, suspeito por muitos, mas nunca confirmado por relatos tão contundentes, de que os mecanismos de financiamento de campanhas passam à margem da lei. A lista expôs políticos que se enriqueceram usando da má fé na gestão pública. Esses personagens sempre se portaram junto à mídia como homens probos, carismáticos, de fala macia, buscando agradar o eleitor, granjear sua simpatia e cabalar votos, com discursos moralistas. Com as denúncias, caíram as máscaras.

Com o desencadeamento da Lava Jato, uma tempestade se abateu sobre o mundo político brasileiro. Estão sendo evisceradas as entranhas do poder. Como um tsunami, as denúncias expõem, cada vez mais, novos personagens. Mostram podridão inimaginável junto ao poder central, em que a falta de decoro, ética e humanidade de nossos representantes – que legislam em causa própria e se corrompem de todas as formas – conseguiram quebrar a economia do país. A ladroagem é bilionária. Os valores desviados deixaram de ser investidos em saúde, educação e saneamento básico, o que concorreu para o aumento da desigualdade social entre os brasileiros.

O que enoja as pessoas honestas é assistir à desfaçatez com que esses políticos se apresentam na mídia. O Parlamento brasileiro tornou-se um covil de ladrões. Assisti-los pelos noticiários provoca vergonha, indignação e o sentimento de impotência frente a essa malta que, cinicamente, nega as evidências. Apoiados pelo foro privilegiado, altas autoridades da política brasileira, denunciadas nos STF, parecem estar pouco se lixando. A pergunta que se faz é: como sairemos dessa crise institucional se nossos representantes estão todos comprometidos?

É triste saber que a burocracia do Judiciário brasileiro, com sua lentidão e diversos mecanismos protelatórios, facilita a corrupção e os malfeitos pelo mais alto escalão da República, que pode acabar protegido pelo manto da impunidade do foro privilegiado.



Reprodução da Internet

A recuperação ambiental da Mata Atlântica, inclusive em trechos urbanos onde a mata ciliar inexistente, consiste em desafio a ser enfrentado por toda a comunidade. Um programa com objetivos de se conhecer, conservar, manejar e resgatar a biodiversidade regional precisa ser elaborado e implementado.

## Paisagem fragmentada

No município de Piquete, assim como nos demais da região valeparaibana, encontram-se extensas áreas de paisagens degradadas que precisam, urgentemente, ser recuperadas. Em Piquete, essa área se evidencia devido a sua própria geografia: a parte urbana foi construída num fundo de vale, muito próxima à Serra da Mantiqueira, enquanto a maioria das demais cidades tiveram suas áreas urbanas instaladas em planícies próximas ao Paraíba.

Geograficamente, as cidades valeparaibanais estão localizadas no bioma de domínio da Mata Atlântica, e tiveram sua cobertura florestal historicamente derrubada pela expansão urbana.

O Vale do Paraíba foi, já no século 16, uma das primeiras regiões do Brasil a ser desbravada e explorada pelos colonizadores em busca de índios e metais preciosos. Sertanistas paulistas passaram a percorrer os sertões do rio Paraíba, embrenhando-se por vales e grotas, abrindo caminhos, plantando roças e assinalando a presença portuguesa. Com a fundação de Taubaté, em 1645, teve início oficial o processo de colonização da região. Seguiram-se a fundação das vilas de Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Jacareí e Lorena.

As roças dos primeiros povoadores de Guaratinguetá e de Lorena, após a descoberta do ouro nas minas gerais, passaram a abastecer aquela região. Aos poucos foram substituídas pela cana-de-açúcar, cujos engenhos produziam cachaça, que também era enviada para as minas.

No século 19, a cultura do café chegou

ao Vale do Paraíba. Como uma praga de gafanhotos, com dimensões bíblicas, devastou quase toda a cobertura de Mata Atlântica, legando aspecto miserável à região – solo pobre e erosões.

No século 20, a pecuária leiteira substituiu o café, estendendo para os sopés da Mantiqueira as áreas de criação. Árvores centenárias foram derrubadas e a paisagem ainda mais empobrecida. Hoje, somos herdeiros de um patrimônio ambiental muito frágil, no qual os poucos remanescentes da Mata Atlântica encontram-se em área de difícil acesso, na região serrana.

A floresta atlântica onde se deu o processo de colonização brasileira encontra-se totalmente fragmentada, pois o histórico de derrubada dessa floresta resultou em pequenos remanescentes. O maior impacto dessa fragmentação foi a perda da biodiversidade e, quanto mais fragmentada e perturbada a paisagem, maiores os desafios para a recuperação e conservação da biodiversidade.

A recuperação ambiental da Mata Atlântica consiste em desafio a ser enfrentado por toda a comunidade. Um programa com objetivos de se conhecer, conservar, manejar e resgatar a biodiversidade regional precisa ser elaborado e implementado. É só observarmos à nossa volta para evidenciar o quanto é preciso se realizar urgentemente. Recuperando-se a floresta, estaremos garantindo não apenas sua biodiversidade, mas também o potencial hídrico da região, patrimônio essencial para a atual e futuras gerações.

## Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



### A devoção mariana

Com muita frequência, ouvimos antigos moradores de Piquete recordarem como era bonito e concorrido o mês de maio na cidade. Extremamente religiosa, a população tinha seus dias pautados pelo calendário litúrgico, de maneira que maio, dedicado a Maria, era festivo e contava com a participação das famílias, que se dirigiam à matriz de São Miguel para a ladainha e reza do terço.

A devoção mariana no Brasil é uma constante na história do povo brasileiro. Ao longo do processo evangelizador em terras brasileiras, o Evangelho foi anunciado apresentando a Virgem Maria como a expressão mais sublime de fidelidade. Ela aparece na devoção mariana, que faz parte da matriz cultural tradicional do catolicismo brasileiro como uma mensagem poderosa. Esta mensagem pode ser percebida pelo “Magnificat”, o cântico de Maria, carregado de esperança e recitado constantemente pelo povo em inúmeros hinos e cânticos populares. Para a Igreja, Maria é motivo de alegria e fonte de inspiração, por ser a estrela da evangelização. É o modelo perfeito de cristão, a imagem ideal da Igreja. Desde a chegada dos portugueses ao Brasil, se, de um lado, Maria, em primeiro momento, conferiu ânimo aos conquistadores, que trouxeram sua imagem nas caravelas – Cabral trazia em

sua nau a imagem de Nossa Senhora da Esperança, por outro lado, em um segundo momento, conferiu esperança aos colonizados, dignidade aos escravizados e motivação para todo tipo de desafortunado. Isso tudo é atestado pelos inúmeros títulos com os quais é invocada no Brasil.

São muitas as tradições de devoção a Maria dentro da grande devoção mariana no Brasil. Em nossa diocese, destacamos a de sua padroeira, Nossa Senhora da Piedade, que teve sua primeira capela edificada às margens do Paraíba, em 1705. Essa capela tornar-se-ia o núcleo inicial da futura cidade de Lorena. A partir de 1717, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, pescada nas águas do Paraíba, ganhou o título de Aparecida. A intensa devoção a Nossa Senhora Aparecida cresceu cada vez mais, com o aumento do número de milagres atribuídos àquela Senhora. A figura de Maria vai se consolidando como presença maternal e constante entre nosso povo, até ser coroada rainha do Brasil, em 1904. Em 31 de maio de 1931, foi declarada sua padroeira, em cerimônia que contou com a presença de um milhão de fieis e autoridades civis, militares e eclesiásticas no Rio de Janeiro, então capital federal.

Em Piquete a devoção mariana é presente desde sempre. A proximidade com a cape-

la de Aparecida fez com que a população se acostumasse com a passagem frequente de peregrinos, que, provenientes dos mais vários rincões de Minas, até Ela se dirigiam. Essa demonstração de fé era estímulo para os piquetenses, que, muitas vezes, se juntavam a esses caminhantes.

Outra forte devoção Mariana é a Nossa Senhora Auxiliadora, comemorada a 24 de maio, que chegou à região no final do século 19 trazida pelos padres filhos de Dom Bosco que se fixaram em Lorena. A partir de 1948, essa devoção se fortaleceu em Piquete com a chegada das irmãs salesianas que vieram administrar o Hospital da FVP. Mesmo após a partida das religiosas, em 1975, a devoção se manteve.

Podemos dizer que uma das marcas do catolicismo brasileiro é a devoção Mariana. Não é errado afirmar que no Brasil Jesus veio pelas mãos de Maria. E, para compreendermos o papel de Maria, deveremos ir por meio de Seu Filho, pois é Ele que confere sentido e grandeza a Maria, sua mãe e discípula.

*Fotos:*

*As duas de cima: Imagem de Nossa Senhora saindo em procissão da frente do Hospital da FVP; Chegada de Procissão à igreja de São José; As de baixo: Procissões de Nossa Senhora, com crianças trajadas de pajens e de anjinhos.*

## GENTE DA CIDADE

## Jajá

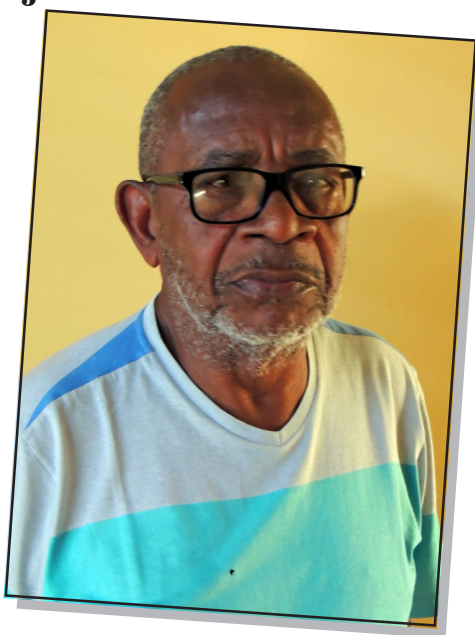
A receptividade é uma de suas marcas registradas. Sempre brincalhão, Jair de Melo, mais conhecido como Jajá, é figura tradicional de Piquete, ainda que vivendo desde 1999 em Lorena.

Nascido e criado em Piquete em 13 de março de 1939, Jajá é o filho do meio, entre dois irmãos, de Adão de Melo e Idalina Pereira de Melo. O pai, mineiro, jogava futebol em Pouso Alegre. Certa feita, o tio, Mário Pereira Filho – seu Marinho – foi, com um time de Cruzeiro jogar naquela cidade. Começava ali uma amizade que traria Adão para Piquete, onde também jogaria futebol, trabalharia na Fábrica de Pólvora sem Fumaça e se casaria. “Meu pai morreu quando eu contava apenas com cinco anos de idade...”, conta. Jair de Melo tem ainda outros dois irmãos do segundo casamento da mãe.

A infância em Piquete “foi brincando na Praça da Bandeira, onde foi engraxate, e nas ruas da Vila Duque, além de andanças pelos bairros do Itabaquara e Vargem Grande, percorrendo os campos e ‘vadiando’ rios”, relata. Foi aluno da 1ª turma do Jardim de Infância, tendo como professora “a saudosa” Eurídes Galli. Cita alguns dos colegas: Adailton Álvaro Resende, Antônio Domingos de Paula, Luiz Carlos Aquino Marcondes de Moura, Leônidas Augusto, Ana Nogueira Barbosa Ecklund, Miguel Aquino Azevedo... O primário foi no Grupo Escolar Antônio João, onde ingressou com sete anos. De lá, cita, contando “causos, as professoras Maria do Carmo Pascoal e Maria de Lourdes Gama. Com a criação da Escola de Aprendizagem Industrial, ingressou, em 1954, no curso de Mecânica. “Foi por influência do professor Leopoldo Marcondes de Mourar Netto, pois eu estava ainda na segunda série do Ginásio”...

Em março de 1957, foi designado para a 3ª Divisão da FPV – o setor de manutenção mecânica. “Mas eu já era funcionário público federal desde fevereiro de 1954”, afirma, orgulhoso. Alguns anos mais tarde, foi transferido para o setor administrativo, como escrevente datilógrafo. “Eu era bom em datilografia”, conclui, rindo.

Jajá foi amante dos esportes... Adorava “tênis de mesa”, que praticava no Clube dos Ex-alunos, e também futebol. O padrinho, Mané Chato (Manoel Rosa de Andrade), que fora campeão carioca de futebol, o incentivava... Seu primeiro contato com o futebol foi no campinho da Caixa D'Água, em um time comandado por José Balbino. Em



1953, Jair jogou no campo do Estrela, num Campeonato da Boa Vontade: “Para mim, era um sonho jogar no Estrela!”, conta.

Em 1961, Jair casou-se com Orminda Alves de Melo, com quem teve três filhos. A esposa faleceu pouco depois de cinco anos de casados. Em 28 de junho de 1969 casou-se com Ivone Pereira de Melo. A nova união dar-lhe-ia outros três rebentos. A família foi e é seu esteio.

Participativo na sociedade piquetense, recebeu, em 2004, da Câmara Municipal, a Ordem do Mérito Municipal, que o distingue como “pessoa ilustre da terra”.

Aposentado desde 10 de julho de 1981 e viúvo pela segunda vez desde 2013, Jajá escreveu um livro de memórias – “Piquete, Pedaco de céu velho”, no qual conta, em detalhes, toda essa sua trajetória pessoal e também a profissional. A conclusão destaca a gratidão de ver bem os filhos, “os três primeiros aderiram ao Magistério. Os três do segundo casamento são oficiais do Exército brasileiro”, relata, orgulhoso. “Já sou bisavô.... Um bisavô jovem... Isto é, jovem de espírito”, afirma dando risadas... Ressalta, também, a “Fé de Ofício”, que registra os anos trabalhados na FPV, em que “os elogios consignados não deixaram lugar para sequer um registro de advertência”. Seu livro transcreve, ainda,

por exemplo, os “necrológios” publicados por Jair de Melo no jornal Cidade Paisagem, peças que evidenciam o “estilo Jajá de escrever”.

Um garoto piquetense que se tornou um homem orgulhoso de sua terra e de sua história... Um pai de família ciente de ter cumprido seu papel... Um homem vitorioso. Assim é o Jajá.



## Da Idade Média à idade média

Laura Chaves

Tablets, notebooks, smartphones e tantos outros “brinquedinhos” tecnológicos influenciam o modo de vida de todos nós. Influenciam desde a nossa forma de obter informação até as nossas formas de sociabilidade.

O acesso a todos esses dispositivos fez emergir uma sociedade digital, consolidada por redes de compartilhamento que, com certeza, afetam a nossa forma de pensar, agir e aprender.

E se a sociedade é digital, o estudante também é digital, mas nem todo professor é digital, ou seja, nem todo professor está apto a sobreviver nesse novo modelo de sociedade.

A escola, tal como a conhecemos, tem na sua essência uma relação hierárquica, em que o professor, basicamente por meio do discurso, ensina ao aluno. Entretanto, esse modelo de escola que herdamos desde o século XVIII está desconectado da sociedade digital e do estudante digital.

Vivendo ainda no passado, precisamos na Idade Média, grande parte dos professores sentem-se despreparados para conectar-se com um novo estudante. Temos aí uma crise instaurada. Professores sendo professores do tempo passado e alunos à espera de uma escola que rompa com esse passado e que se assuma como parte da sociedade digital, própria do período que estamos a denominar de idade média.

Estão à espera de uma escola viva, conectada, interativa, criativa, colaborativa e capaz de responder ao processo civilizatório atual.

Pular da Idade Média para a idade média é, hoje, sem sombra de dúvidas, o maior desafio – talvez o maior de todos os tempos – que a escola e os professores terão que enfrentar.

## O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

## Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

## Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

## Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

## Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

## Abrolhos

**Caso 1:** Era a década de 80. Pouco mais que sua metade. Eu era um dos sócios de uma empresa chamada Angstron que fazia equipamentos de potência para centrais telefônicas. Éramos quatro sócios. Dois de Piquete, eu e o João Bosco Pereira dos Reis, e dois de Guaratinguetá. Haveria uma concorrência na Telerj para venda de alguns equipamentos que fabricávamos. Geradores de toque. Naquela época as coisas não eram eletrônicas como hoje. Concorrência era envelope fechado com documentação e outro com a proposta de preço. Aqueles famosos envelopes pardos. No dia da concorrência, os sócios, devidamente trajados com terno e gravata, estiveram na sede da Telerj no Rio de Janeiro. Numa sala com os demais concorrentes, de acordo com as regras estabelecidas, foram abertos os envelopes de documentação. As empresas todas estavam em dia com seus papéis e foram habilitadas para a segunda fase. Abriu-se assim um a um as propostas de preço. A Angstron teve o preço mais baixo. Ganhamos. Segundos depois, entra um funcionário da Telerj com um telex (isso mesmo: telex) na sala. Naquela época ainda se usava esse meio de mandar mensagens curtas. O equipamento funcionava a baixa velocidade, mas funcionava. Nesse telex, uma grande empresa multinacional oferecia um preço ligeiramente mais baixo que a proposta da Angstron. Mas a empresa havia burlado todas as regras da concorrência. Sem envelopes, sem nada. Obviamente, alguém deu o ‘bisú’ para a empresa e ela mandou o tal telex. Perdemos. Uma reclamação ao funcionário da Telerj teve de resposta um ‘busquem seus direitos na justiça’. No dia seguinte, já em Guaratinguetá, onde era sede da empresa, a multinacional (vou preservar seu nome) nos ligou para dizer que não entrássemos contra eles na justiça, pois tinham um grupo forte de advogados e perderíamos. Além disso, as custas ficariam por nossa conta. Disseram ainda que em outra concorrência eles ‘combinariam o preço’ conosco e ganharíamos. Desistimos do processo e desistimos de entrar em concorrência com eles.

**Caso 2:** Era início dos anos 90. Eu havia saído do serviço público devido às condições de trabalho desfavoráveis e me tornei gerente de fábrica em Guaratinguetá. A fábrica pertencia a um grupo que tinha ou-

tras empresas. Uma delas vendia aço de construção já previamente montado segundo o interesse dos clientes. Apesar de ser gerente de uma fábrica, eu dava suporte a outras empresas do grupo. Num determinado dia, estando eu na empresa de venda de aço, na sala do vendedor, toca o telefone. O vendedor que tinha nome ou apelido de Cunha – nada a ver com o tal Eduardo – estava ocupado e pediu que eu atendesse a ligação. Era um funcionário de um grande órgão público brasileiro (também preservarei seu nome) perguntando pelo ‘depósito’. Questionei o vendedor sobre esse tal depósito e ele me informou que eram os 17% sobre o valor da venda que deveria ser depositado na conta de uma lista de funcionários públicos. Propina! Apesar de minha indignação com o fato, o vendedor foi claro: “ou se faz isso ou então não se vende pra eles”.

**Caso 3:** Em algum momento entre os anos 80 e 90, próximo a 1990, foi realizado um serviço de construção de galpões para outro órgão público. Um projeto que iria desde a planta baixa até as plantas elétricas e hidráulicas. À época eu ajudei com o uso de autocad, ganhando algum trocado, que, para mim, era tão necessário. A pessoa que encabeçava o projeto e fez a negociação me contou, tempos depois, que teve que pagar uma gorda propina para ganhar o projeto. Como na estrutura do órgão público havia muita gente envolvida, cada um ganhou o seu quinhão. Tudo muito bem organizado. E, para não levantar suspeitas, os corruptos iam um a um na casa do “gerente” do projeto e diziam um nome que estava previamente escrito em uma lista. A esposa dele, ao ouvir o nome, consultava a lista, pegava o pacote de notas compatível com o valor anotado e entregava. Obviamente, eram nomes fictícios, que protegiam cada um nessa caravana longa de “propineiros”.

Por que conto isso? Porque a corrupção neste país é endêmica. Vejam que não citei nenhum nome de político. Não havia políticos em nenhum dos três órgãos públicos. Eram cidadãos comuns que lá trabalhavam e levavam seu “agradinho” para casa. Quando olhamos essas listas obtidas pela PF, MP ou advindas de delações “premiadas”, não deveria haver espanto, não é? Afinal e infelizmente isso é um cancro que existe e corrói

nossas instituições desde que Cabral aqui aportou – ou quem sabe antes. Todos já ouviram falar de histórias de policiais, agentes de trânsito e funcionários que pedem um “por fora” para fazer um serviço ou livrar a cara. E somente quando se fortaleceu alguns órgãos e lhe deram autonomia (CGU, MP, PF, etc) foi que a parte submersa do iceberg veio à tona. Pois é assim mesmo, caro leitor! Se você vê a ponta do iceberg flutuando em mares cintilantes, saiba que tem mais de setenta por cento dele escondido sob a superfície. A corrupção alimenta uma rede submersa. Sempre foi assim. Sugiro que leia os livros 1808, 1822 e 1889 de Laurentino (não é o nosso Kiko) Gomes, para entender o que digo.

Antes de mais nada, porém, é preciso separar algumas coisas sobre a corrupção. Existem culpados e inocentes. E, até que se prove o contrário, todos são inocentes, pois habitamos, graças a Deus, sob a presunção de inocência. Mesmo nas doações para políticos e partidos, há que se separar o joio do trigo. Existem doações dentro e fora da lei. Só a justiça poderá julgar e condenar. Se, e somente se, o réu for condenado, que pague na justa medida. Assim funcionam as instituições para eles e elas corruptos, para todos os inocentes, para mim e para você, quer sejamos culpados ou inocentes de qualquer crime, desvio de conduta ou algo do tipo. No fim, tendo julgado a todos e condenados alguns, que tenhamos discernimento de aplicar a nossa justiça para os condenados. Podemos, sim, fazer “justiça com as próprias mãos”. A nossa justiça está nas urnas. Antes de mais nada, que cuidemos para que não coloquemos no lugar de bandidos condenados outros bandidos em formação. Ou ainda, cuidado para não colocarmos gente que aparece do nada como salvador da pátria. A televisão é mestre em criar esses “heróis”. Não caia nessa. Como mostrei nos casos acima, a corrupção pode não estar nas mãos de políticos. Quando colocamos um corrupto no poder, porém, seja em que instância for, levamos a corrupção para a política. A culpa acaba sendo nossa. Como diziam os mapas para os navegadores que se aproximavam do litoral sul da Bahia, Costa de Caravelas: Abrolhos!

Desconfiar é o melhor remédio. Votar bem é obrigação! **Luiz Flávio Rodrigues**

*“A corrupção impede olhar para o futuro com esperança, porque, com a sua prepotência e avidez, destrói os projetos dos fracos e esmaga os mais pobres. É um mal que se esconde nos gestos diários para se estender depois aos escândalos públicos. (...) Para erradicá-la da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente a corrupção, mais cedo ou mais tarde, ela nos torna cúmplices e destrói-nos a vida”.*

**Papa Francisco**

## Dia do índio

No início do século 20, houve, por parte de historiadores, crescente interesse pelos povos indígenas das Américas. O desenvolvimento da etnologia, isto é, o ramo da antropologia que se dedica aos estudos das chamadas “culturas primitivas”, concorreu para que estudiosos se voltassem para a compreensão dos hábitos e da importância das diferentes etnias para a história. Despertou, ainda, a atenção dos governos para a necessidade de que fossem traçadas políticas públicas que visassem à salvaguarda de seus hábitos e costumes.

O dia 19 de abril remete-nos ao dia em que delegados indígenas, representantes de várias etnias de países das Américas reuniram-se, no México, em 1940, no Primeiro Congresso Indigenista Interamericano. Essa reunião tinha o propósito de discutir várias pautas a respeito da situação dos povos indígenas após séculos de colonização dos Estados nacionais nas Américas.



“Índios presos” - Rugendas (reprodução)

Esse congresso serviu como agenda programática para políticas públicas. Uma das decisões tomadas foi a escolha do dia em que ocorreu o congresso para o Dia do Índio. A partir do ano seguinte, vários países do continente americano incluíram em seus calendários o dia 19 de abril como dia de homenagem aos povos indígenas.

A celebração do Dia do Índio tem como propósito também a preservação da memória e a incentivo às reflexões críticas nas universidades, escolas e demais instituições semelhantes

sobre o passado da relação de dominação e de conquista das civilizações europeias no continente americano.

No caso do Brasil, o dia do índio foi instituído via Decreto-Lei, em 1943, pelo então presidente Getúlio Vargas. O presidente, bem como seu corpo de ministros, orientou-se diretamente pela resolução do Congresso Indigenista Interamericano. Havia também, no contexto do Estado Novo, presidido por Vargas, forte influência de sertanistas e estudiosos de comunidades indígenas, como o marechal Cândido Rondon, também entusiasta do governo de Getúlio.

## Semana Santa em Piquete

Os católicos de Piquete celebraram, com grande participação popular, a Semana Santa. Com duas paróquias – São Miguel Arcanjo e Santo Antônio –, as comunidades, atendidas, respectivamente, pelos padres Fernando Sampaio e Anderson Sousa, lembraram a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

A Semana Maior da Igreja Católica é o ápice de um período de reflexão no qual os fiéis são levados a avaliar suas atitudes e modo de vida, a fim de evidenciar se entenderam o porquê do sofrimento do Deus-homem, que, de acordo com os Evangelhos, deu a vida para redimir os pecados da humanidade. Didáticas, as homilias da Semana Santa passaram os caminhos e

atos de Jesus desde sua entrada triunfal em Jerusalém até sua condenação à cruz, pelos mesmos que o festejaram no Domingo de Ramos. Os padres Fernando e Anderson, ambos recém-chegados a Piquete, em suas homilias explanaram a rica simbologia católica. A Semana Santa, além de tradicional e culturalmente importante, é essencial para que a fé seja vivida de forma plena, consciente e verdadeira. Para tanto, o entendimento das palavras dos padres nesse período é fundamental.

Nas diversas cerimônias que antecedem a festa da ressurreição, a comunidade católica participou ativamente. Além do ritual litúrgico – extenso, repleto de detalhes e significados –, das procissões e vi-

gílias, em Piquete se destaca a presença da “Verônica”, personagem que, compadecida do sofrimento de Jesus, teria enxugado seu rosto com um lenço, manchado de suor e sangue. A imagem do rosto de Jesus teria ficado impressa no tecido, como um retrato. Nos versos entoados pela Verônica, que canta na procissão do Senhor Morto, é chamada a atenção para o sofrimento de Cristo. Na Paróquia São Miguel, a Verônica é interpretada por Jovanir Santos. Na de Santo Antônio, Maria Aparecida Uchoas. Em frente à Matriz de São Miguel, uma encenação da descida da cruz do Cristo morto foi feita e emocionou os que a assistiram. Não faltou, também, a queima do judas, no domingo da Páscoa.



Fotos: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Fotos: Paróquia Santo Antônio

## Crônicas Pitorescas

## Tudo azul...

Palmyro Masiero

A gente lê, a todo instante, sobre a grita dos prefeitos dos pequenos municípios sobre os caraminguás de seus orçamentos. E o Estado, ó!... Pra eles. Se hoje em Piquete ele é mingüado, nos anos subseqüentes a nossa emancipação política era deplorável. Utilizando da velha técnica dos governantes para aumentar a receita – criar ou aumentar impostos – no ano de 1897, através de uma lei municipal foi criado o *“imposto de trez mil reis annualmente sobre todo o fogão existente no Município, cujo pagamento será feito no mez de Julho e d’uma só vez”*.

À época, fogão a gás, elétrico, microondas, até podem ter brilhado fugazmente pelas cabeças de Da Vinci, Júlio Verne... Mas o que existia mesmo era o fogão de tijolos ou barro cozido, o que, cá pra nós, não parece ser coisa supérflua. Lei é lei e ela diz taxativamente *todo fogão existente no município*. Como não dispõe de outros artigos mais esclarecedores, cozinhou é fogão e estamos conversados!

Eis o diálogo entre um munícipe com a corda no pescoço e o fiscal da Prefeitura encarregado da cobrança:

– Compadre Tião... Sei que você é fiscal... Mas esse mês não me sobrou um tostão sequer.

– Sinto muito, Zé. Você vai ter que emprestar de alguém.

– Vou com a família comer na casa da sogra, que já pagou o imposto e juro que nem chego perto do fogão.

– Não é solução... Fogão é fogão, aceso ou apagado.

– Olha só Tião, ele está tão velhinho, caindo aos pedaços.

– Mas cozinha.

– E se eu não cozinhar?

– Ele não vai deixar de ser fogão.

– Desço a marreta no desgraçado e acabo com ele num instante.

– Compadre... Eu sou fiscal e estou vendo-o ali, de corpo presente.

– Destruo hoje e você volta amanhã...

– Lamento, Zé... Hoje é 31 de julho, último dia para ser pago.

– Puxa, Tião... Você não tem coração?

– Tenho, Zé... Gosto de você, da comadre, mas sou obrigado a cobrar.

– Quebra meu galho, Tião!

– Quebro o seu e quem vai quebrar o meu? Se não entrar dinheiro no caixa da prefeitura, com o quê vou pagar o meu fogão?

Quem duvidar desta cena, que faça uma regressão de cento e vinte anos e pergunte ao Tião Fiscal ou ao seu compadre Zé.

## Descobrimento do Brasil - Você sabia que...

– Quem financiou a armada portuguesa, que partiu de Lisboa em 8 de março de 1500, foi a Ordem de Cristo, uma instituição militar e religiosa.

– A bordo da caravela de Pedro Álvares Cabral, que contava com cerca de 33 anos à época, viajava o frei Dom Henrique Soares de Coimbra e oito padres franciscanos.

– Que as expedições portuguesas viajavam munidas do calendário litúrgico, para que cada acidente geográfico encontrado fosse batizado com nomes religiosos. Assim, alguns desses acidentes passaram a ser chamados Monte Pascoal, Cabo de São Roque, Cabo de Santo Agostinho, Baía de Todos os Santos, Cabo de São Tomé, Ilha de São Vicente, Terra de Santa Cruz, Ilha de Vera Cruz etc.

No dia 26 de abril, quatro dias após a chegada ao Brasil, Dom Henrique celebrou a primeira missa em território brasileiro, sendo que a segunda aconteceu em 1º de Maio, para comemorar a paixão de Cristo. Essa comemoração foi precedida por uma procissão da qual participaram mais de mil portugueses e cerca de cento e cinquenta nativos.



## O fim da felicidade?

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O que deixa você feliz?

Muitos responderiam: o dinheiro. É uma inverdade? Não totalmente. Viver privado de coisas materiais pode ser muito ruim. Ter condições financeiras de se proporcionar, bem como à sua família, uma vida digna faz parte, sim, da felicidade. Ninguém pode ser feliz passando fome, frio...

O que mais nos garante a felicidade?

Particularmente falando, alimento a minha ao ver minha família unida, no contato com a natureza, fotografando, vendo a felicidade de amigos – estando perto ou longe deles –, com passeios – não apenas os carros, alguns muito simples, até...

A felicidade é subjetiva, sabemos, mas, “variáveis” como as que citei fazem, certamente, parte da equação, que pode ser até da Química – sim, a felicidade tem componentes químicos!

Tom Jobim, mestre da poesia, descreveu em alguns versos a felicidade:

*A felicidade é como a gota de orvalho numa pétala de flor / Brilha tranquila / Depois de leve oscila e cai como uma lágrima de amor.*

Desde a primeira vez que ouvi esse poema musicado, imagino o orvalho numa pétala a oscilar e, finalmente, cair. É uma imagem muito clara da felicidade. Salvem os poetas!

Alcançar a felicidade individual, porém, passa por evidenciar a felicidade do próximo. Não dá para ser feliz vendo tantos sem condições mínimas para uma vida digna; não é possível sorrir ao ler os índices de violência e corrupção em nosso Brasil; é impossível passar despercebido pela obscenidade da saúde pública do país; quem consegue abstrair vendo as cracolândias se multiplicarem e famílias destruídas pela droga? Quem, senão políticos inescrupulosos, se sente bem frente às estatísticas de trabalho escravo e semi-escravo nos rincões brasileiros? Para além de nossas fronteiras, é impossível fingir não ver a dor da mãe África – dos trinta países mais pobres do mundo (com mais problemas de subnutrição, analfabetismo, baixa expectativa de vida), pelo menos 21 são africanos! E por aí vai...

O mundo e nossas vidas, hoje, estão repletos de sofrimento... Sofrimento muito maior do que a falta de dinheiro para um celular de última geração ou para aquele casaco de dez salários mínimos...

Somos felizes? Sim! É possível que sejamos... Se ignorantes acerca das mazelas do mundo, confinados em redomas pessoais... Somos plenamente felizes? Aí a coisa muda de figura...

Temos, porém, como salvar o mundo? Infelizmente, não! Mas temos como colaborar com a comunidade em que vivemos, podemos ser honestos, ter compaixão, partilhar um pouco do que temos... Aqui a Química também já se provou eficiente: reações de hormônios dão-nos a sensação de prazer quando se faz o bem.

Não, meus amigos! Não creio na extinção da felicidade. Há muito o que fazer para garantirmos nossa felicidade. Espero que todos sejamos felizes, pois pessoas felizes fazem o bem... E, se muitos estiverem felizes, esse bem se multiplicará em felicidade... Se ainda não o somos, comecemos a fazer o bem para sermos mais felizes!

## Um problema de estrutura

O governo Temer, suposto produto de um levante popular que tinha o objetivo de moralizar a política, vê-se enrolado nos mesmos sujos lençóis que prometeu lavar na chegada ao Planalto: a partir dos depoimentos de diretores e executivos da Odebrecht, o relator da Lava Jato no STF, Edson Fachin, determinou a abertura de inquéritos contra 8 ministros do governo, 24 senadores e 39 deputados – boa parte deles membros da base aliada do governo e fiadores de suas principais propostas. Ao todo, entre políticos com e sem foro privilegiados, são 108 nomes. Praticamente todos os partidos e políticos relevantes do cenário nacional se veem envolvidos nesses inquéritos.

A primeira conclusão que pode ser extraída desse quadro é que os que foram às ruas pedir o impeachment da Dilma sob a esperança sincera de varrer a corrupção da política nacional recebem agora um atestado de inocência política. O atual governo segue tão envolvido com esquemas ilegais quanto o anterior. Assim como, muito provavelmente, o seguinte também estará. Como tenho argumentado há algum tempo

nesse espaço, a corrupção política brasileira não é mera consequência de perfis desonestos, mas sim resultado de uma estrutura que incentiva a corrupção e premia os corruptos.

Em uma das delações de maior repercussão midiática, o presidente da maior construtora brasileira, Marcelo Odebrecht, revelou-nos de maneira simples uma verdade basilar de nosso sistema político: “Não existe ninguém eleito no Brasil sem caixa dois”. Óbvio que há um exagero na afirmação. Afinal, é possível encontrar ocupantes de cargos eletivos que não se valeram de dinheiro ilegal para se elegerem. O ponto, no entanto, é que nenhum político relevante, com acesso às principais vias de elaboração de políticas públicas, se elege sem receber dinheiro ilegal. E o motivo para tal é relativamente simples: eleições nacionais são caras e, se quiserem o dinheiro e a estrutura necessários para garantir suas vitórias e as de seus aliados (o que aumenta seus poderes de barganha), precisam se submeter aos agrados desses grandes empresários – e provavelmente também dos banqueiros, como nos devem clarificar as delações do ex-ministro

Antonio Palocci.

A discussão que precisa ser iniciada no debate público brasileiro passa pelo reconhecimento de que a democracia e suas instituições custam dinheiro, e que sem uma proposta que neutralize o financiamento das campanhas e torne as eleições mais baratas, as elites continuarão a comprar políticos. Propostas como a criação de um fundo público de campanha, que iguale as condições de todos os candidatos, e uma reforma no sistema partidário, que desincentive a criação e sobrevivência de partidos fisiológicos devem ser postas à mesa para um debate sério e qualificado.

A constante mistificação da democracia, que perverte as preferências populares e assegura a permanência de determinadas elites no poder, precisa ser corrigida. À medida que o problema persiste, cresce o desencanto dos cidadãos com a democracia e abre-se espaço para que demagogos dispostos a fazer retroceder nossas conquistas históricas ganhem espaço. É contra a descença na política e na democracia que devemos nos levantar.

*Rafael Domingues de Lima*

## Salve o Divino Espírito Santo!

Daqui a alguns dias estaremos celebrando Pentecostes. No Vale do Paraíba, essa importante festa do cristianismo foi rebatizada, recriada. Em inúmeras comunidades espalhadas pelas grotas e morrarias, nossa gente caipira ainda hoje se reúne para as festas do Divino Espírito Santo.

Nomeados, os festeiros se empenham no esmolar de prendas, levam a bandeira do Divino de casa em casa arrecadando os donativos para os festejos. Os mais generosos doam bezerros, gado miúdo, leitões. Há esmolos mais modestas, como frangos, patos, garrações de vinho. Tudo é destinado ao almoço que é partilhado no dia da festa. “No festejo do Divino tem bebida e pão de graça, sendo rico, sendo pobre, fome e sede não se passa” cantavam os foliões na última festa em que participei, lá no alto da Bocaina.

Essa tradição é narrada e transmitida de pai para filho. Ouvi um velho homem contar aos meninos e às meninas que o escutavam com certo espanto que, certa vez, chegou por aquelas paragens um rapaz vindo de Minas Gerais. Arrendou um terreno e fez grande plantio de feijão. Jurou ao Divino que se colhesse com fartura daria a metade para os festeiros cozinhar ao povo. Teve uma produção extraordinária. Pensou, então: metade é muito feijão para o Divino e deu apenas um bocado, por descargo de consciência. Tomou o restante e transportou em tropa para vender na cidade vizinha. Os jacás estavam abarrotados de bom feijão. Quando chegou ao destino, não encontrou quem se interessasse em pagar, mesmo pequena quantia, pelos cargueiros do produto. Os feijões ficaram todos manchados, com aparência de podridão. As manchas tinham o formato da pomba do Divino. O que pôde fazer foi retornar e doar tudo aos pobres, para que fizessem proveito. Alguns, não tendo outra semente, plantaram aqueles feijões, de modo que, até hoje, nos distantes sertões da Bocaina, se colhe o feijão no qual se pode ver com clareza a figura do Divino Espírito Santo. Quanto ao avaro rapaz, voltou para os seus e dele



nunca mais se teve notícia. Dizia o velho, com alguns grãos desse famoso feijão na palma de sua mão, “Não se desfaz trato com o Divino”.

Também ouvi dizerem que uma mulher muito pobre recebeu visita de festeiros. Chamou seus filhos e seu esposo adoecido e fizeram reza diante da bandeira. Envergonhada, ofereceu sua prenda – só tinha um ovo de galinha a doar. O festeiro recebeu o donativo, subiu em sua montaria e partiu com a bandeira em punho. Ao virar a curva, a ponto de não mais ser visto, com receio de que o ovo se quebrasse em seu bolso, tomou-o nas mãos e, meio titubeante, lançou a prenda às margens de um lago. Depois de caminhar por mais de hora, olhando para a coroa da bandeira, deu falta da pombinha que adorna o mastro. Concluiu: o ovo. Voltou compungido ao lago, vasculhou suas margens e encontrou a casca do ovo. Não estava estourada, mas quebrada com jeito, como se dela houvesse nascido um pintinho. No mesmo instante,

ao olhar para a coroa da bandeira, pode ver novamente a pombinha a adornar o mastro. O contador dessa história concluiu solenemente: “O Divino nunca rejeita as esmolos dos pobres”.

Por meio de infintas narrativas, conservadas nas memórias orais de nosso povo valeparaibano, as tradições vão sendo transmitidas e se mantendo vivas, como planta teimosa que luta por manter suas raízes fincadas em solo que se tornou árido. Com essas tradições, conservam-se também os ensinamentos do cristianismo, ditos em outra linguagem – a caipira –, nascida e criada nos terreiros onde as galinhas e seus pintos, os patos, os porcos e demais animais dividem o espaço com as pessoas. Ainda vive, nos sertões do Vale do Paraíba, uma espiritualidade genuína, popular, sem a qual estaríamos desprovidos de nossas mais profundas raízes. Nossos ambientes urbanos carecem dessa espiritualidade autóctone e profundamente cristã. Salve o Divino Espírito Santo!

*Pe. Fabrício Beckmann*



Cléa Gouvêa recebe diploma em homenagem a Paulo Noia



Nova diretoria do CBH-PS

## Paulo Noia é homenageado em reunião do CBH-PS

O ex-presidente da Fundação Christiano Rosa, Paulo Noia de Miranda, foi homenageado em reunião plenária do Comitê da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul (CBH-PS), no dia 30 de março de 2017.

Paulo Noia foi representante da FCR no CBH-PS por vários anos e teve destacada atividade nas decisões técnicas desse colegiado, tendo em vista sua militância pela preservação dos recursos hídricos da região valeparaibana. Cléa Gouvêa de Miranda, viúva de Paulo Noia, recebeu um diploma em que são destacados os excelentes serviços prestados por ele.

CBH-PS é um órgão colegiado, de caráter

consultivo e deliberativo, do Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SIGRH), instituído pela Lei 7.663 de 30/12/91, com atuação nas Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul, no Estado de São Paulo. Sua sede fica em Taubaté.

### Nova diretoria do CBH-PS

Também na reunião do dia 30 de março foi eleita a nova diretoria do CBH-PS.

Composto por representantes de três segmentos, para mandato do biênio 2017/2019, cabia aos prefeitos a indicação de nomes para a presidência. Após eleição, Teca Gouvêa, prefeita de Piquete, foi eleita, tendo como vice Luiz Roberto Barretti, repre-

sentante de associação especializada em recursos hídricos. A presidência do CBH-PS tem como Secretário Executivo Fabricio César Gomes, representante do Departamento de Águas e Energia Elétrica - DAEE/BPB.

### Fundação Christiano Rosa

A Fundação Christiano Rosa assumiu, como titular, uma das posições do CBH-PS destinadas às associações ambientalistas. Em eleição também no dia 30 de março, a Fundação foi eleita como membro titular do CBH-PS para o biênio 2017/2019. Laurentino Gonçalves Dias Júnior, do Conselho Curador da FCR, será o representante nas reuniões e tomadas de decisão.

## Entusiasmo e desânimo: descaminhos

A Ciência é uma grande escada. Degraus por degrau, o homem vai galgando construindo o conhecimento.

Movido pela curiosidade, o homem de Ciência é o único que não fica triste quando percebe que errou. Porque tem uma certeza – deve procurar outro caminho; o que escolheu não o levará à resposta desejada.

Um degrau não é mais importante do que outro. Einstein não é mais importante do que Newton. O GPS não é mais importante do que a bússola. Os conhecimentos que fervilharam em Sagres e tornaram possíveis as Grandes Navegações não estão em desvantagem diante dos que fluíram da NASA e levaram as naves Apollo até a lua.

A língua não é lógica. Dependendo da escolha dos falantes, as palavras nascem, se modificam ou permanecem enclachadas nos dicionários.

Diz-se que o vocabulário se ajusta à realidade das coisas. Mudam as coisas, ajusta-se o vocabulário.

Mas há um fato curioso. Surgem aqui e ali referências à falta de ânimo, à falta de coragem de nossos adolescentes.

Os dicionários registram “pusilânime” (adj.) e “pusilanidade” (adj.).

Os componentes do significado – “pusillus (fraco) e “animus” (alma, ânimo) – traduzem com perfeição o que estamos vendo. Mas as palavras não emplacaram.

Foi este o motivo da escolha da palavra “desânimo”, sem alma, sem ânimo, sem coragem.

Ao contrário, “entusiasmo” (em-theòs, com Deus dentro, impulsionado por Deus) tem uso corrente.

O Padre Vieira, “lá no assento etéreo”, deve achar muito engraçado o casamento de “descaminho” que a mídia faz com o termo contrabando na área que abrange crime e contravenção no comércio.

Alternando entusiasmo e desânimo, os nossos adolescentes têm sido lançados a descaminhos, motivo de preocupação para pais e educadores.

A escola os encontra no ensino médio (dos 13 aos 17 anos).

Duas providências são intransferíveis nesta fase: **1.** Saúde (exame médico e exame biométrico no início de cada ano com resultados comunicados aos pais); **2.** Orientação vocacional.

O esporte e a música (fanfarra e canto coral), além de caminhos para uma profissão, constituem importantes fatores de socialização.

Hoje, a escola tem um importante auxiliar na orientação vocacional. Documentários dão um chamado vigoroso ao cérebro dos nossos adolescentes.

No início de cada ano letivo, os professores devem fazer um planejamento para a

apresentação dos mesmos para que nenhuma área do conhecimento fique desprestigiada.

Muito reveladoras são também as Audiências Públicas no Congresso Nacional. Convidados de notório saber discutem com deputados e senadores assuntos relevantes na vida do país.

Acrescentem-se ainda programas transmitidos por canais de TV que se dedicam à educação. Muito úteis são os das manhãzinhas da TV Cultura de São Paulo.

O adolescente precisa de emulação.

A tecnologia para eles é instigante. Basta perceber como rapidamente se adaptam a todos os progressos de aparelhos que chegam a assustar os antigos da família.

A escola deve estar atenta às ideias inovadoras dos alunos, chamar profissionais que deem impulsos às suas pequenas descobertas. É preciso que o adolescente goste da escola, sinta que ela está interessada em transformá-lo em um adulto competente na sua profissão.

Newton foi adolescente. Einstein foi adolescente.

Adolescente, há um degrau da Ciência dependendo de você!

Entusiasmo! Ânimo! Alma!

Abigayl Lea da Silva